

LEITURA, LITERATURA E MATEMÁTICA: UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR POR MAIS INTERSEÇÕES E MENOS SUBTRAÇÕES ✓

187

Valéria Cristina Ribeiro PEREIRA¹
Darlan Natal RODRIGUES²

✓ Artigo recebido em 20 de agosto de 2017 e aprovado em 20 de setembro de 2017.

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <valeriapereira@cesjf.br>

² Mestrando do Programa de Mestrado de Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <darlanlandin@hotmail.com>.

LEITURA, LITERATURA E MATEMÁTICA
UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR
POR MAIS INTERSEÇÕES E MENOS
SUBTRAÇÕES

READING, LITERATURE AND MATH
AN INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE
FOR MORE INTERSECTIONS AND LESS
SUBTRACTIONS

RESUMO

Este artigo reflete sobre a necessidade de encontrar as conexões entre a leitura, a literatura e a matemática, com o objetivo de ampliar os diálogos nas citadas áreas, nos espaços de interseções que carregam pontos facilitadores de promoção do entendimento para ambas. Por isso, torna-se inevitável recorrermos às teorias que se ocupam dos estudos sobre interdisciplinaridade, pois os respaldos para nossas reflexões encontram sustentação nesse campo teórico. Por meio das pesquisas realizadas sobre o tema aqui proposto, é possível destacar que, para os autores elencados, tais como Kleiman, Alves, Machado, Pereira, Salles, Santos, Pinto, Dering e outros, com afirmações que repercutem direta ou indiretamente, no contexto escolar, a interdisciplinaridade representa um recurso metodológico fundamental para a prática pedagógica que se concretiza a partir da interação entre os atores envolvidos. Essa perspectiva coloca-nos a interdisciplinaridade como diálogo possível para a literatura e a matemática, num campo de mais interseções e menos subtrações, cuja coerência na construção do conhecimento somente pode-se dar alicerçada nessas bases.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Matemática. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article reflects on the need to find the connections between reading, literature and mathematics, in order to broaden the dialogues in the before mentioned areas, in intersecting spaces that carry points facilitating the understanding of both. Therefore, it becomes inevitable to resort to theories that deal with interdisciplinary studies, since the support for our reflections finds support in this theoretical field. Through the research carried out on the subject proposed here, it is possible to highlight that, for the authors listed, such as Kleiman, Alves, Machado, Pereira, Salles, Santos, Pinto, Dering and others, with statements that directly or indirectly In the school context, interdisciplinarity represents a fundamental methodological resource for the pedagogical practice that is concretized based on the interaction between the actors involved. This perspective places interdisciplinarity as a possible dialogue for literature and mathematics, in a field of more intersections and fewer subtractions, whose coherence in the construction of knowledge can only be based on these foundations.

Keywords: Reading. Literature. Mathematics. Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo reflete sobre as interseções entre a literatura e a matemática, com o objetivo de ampliar os diálogos nas citadas áreas, a fim de encontrar pontos facilitadores de promoção do entendimento para ambas. Por isso, torna-se inevitável recorrermos às teorias que se ocupam dos estudos sobre interdisciplinaridade, pois os respaldos para nossas reflexões encontram sustentação nesse campo teórico

Ao campo das ciências exatas pertencem os estudos da matemática, em que são encontrados os cálculos numéricos, responsáveis pelo desenvolvimento de diversos setores da vida em sociedade, como, por exemplo, o da construção civil. Tal relação da matemática com a vida social, rápida e imediata, serve-nos como recurso para explicitar as ligações que desejamos estabelecer neste artigo entre este campo, em momentos anteriores, considerado distante das ciências humanas e das letras, pela epistemologia. Em busca de novos paradigmas para embasar a construção do conhecimento, este artigo procura aproximar a matemática das letras, investindo mais nas interseções do que nas subtrações³.

Da matemática, retirando da teoria dos conjuntos, definimos que interseção, segundo Euclides, são os elementos comuns a dois conjuntos, e o ponto de interseção indica o lugar exato em que dois segmentos se cruzam. Já a subtração é uma das quatro operações básicas da matemática, cuja função é subtrair, ou seja, separar uma parte de um todo, tirar, eliminar, baixar, reduzir ou cortar algo. Trata-se, portanto, de uma operação de decomposição, na qual, de uma certa quantidade é eliminada uma parte, obtendo-se, assim, um resultado denominado diferença. Tem-se, dessa forma, a nossa clara adesão à primeira noção apresentada, já que a operação de subtração nada tem a nos oferecer, dentro do espectro interdisciplinar, no sentido que estamos propondo.

Ao olharmos para os estudos interdisciplinares, vemos não ser novidade a sua discussão, de forma ampla, há já, pelo menos, quinze anos, o que nos permite contar com estudos de peso nessa área. Mas, com esses estudos, foram produzidos, também, clichês, sem que a teoria que trata do tema, no curto tempo de

³ As noções de interseção e subtração que aparecem no texto podem ser extraídas de quaisquer livros didáticos e/ou científicos que dizem respeito ao assunto. Uma opção está no endereço: <https://conceitos.com>

existência, tivesse sido explorada e praticada em larga escala, em boa parte dos ambientes escolares e acadêmicos. Isso significa para nós estudiosos que o tema da interdisciplinaridade entre áreas do conhecimento continua a nos inquietar com perguntas que precisam ser respondidas e reflexões que precisam ser desenvolvidas.

Tratar da questão interdisciplinar num trabalho de pesquisa não é algo novo, conforme dito, e, ao contrário disso, há já algumas décadas, afirmações que incentivam o trabalho interdisciplinar podem ser encontradas em muitas referências. Porém, na prática isso ainda está aquém do esperado e necessário, diante da distância em que nos encontramos de uma eficiência ligada a este trabalho.

Por meio das pesquisas realizadas sobre o tema aqui proposto, é possível destacar que, para os autores elencados, tais como Kleiman, Alves, Mucci, Pereira, Salles, Santos, Pinto, Paez e Dering, com afirmações que repercutem direta ou indiretamente, no contexto acadêmico/escolar, a interdisciplinaridade representa um recurso metodológico fundamental para a prática pedagógica que se concretiza a partir da interação entre os atores envolvidos. Nos contextos de atuação de professores e alunos, mediadores e aprendizes, desde que seja assegurado o espaço para o diálogo, baseado no respeito às diferentes opiniões, haverá oportunidade para a prática interdisciplinar.

Para avançar nessas reflexões, podemos afirmar que a literatura aliada ao ensino da matemática possibilita a estimulação do imaginário e do potencial criativo do leitor, podendo tornar o processo de aprendizado agradável e enriquecedor, pelo fato de conter, em algumas de suas narrativas, elementos que favorecem o despertar do interesse pela aquisição deste conhecimento.

Nesta perspectiva, para Alves, por exemplo, em outras palavras, no livro **O que é interdisciplinaridade** (FAZENDA, 2008), são impostos alguns desafios como mudanças de atitudes e clareza da proposta por parte do educador, para que haja coerência entre o falar e o agir, buscando nessa parceria superar a estagnação e, principalmente, desmistificar paradigmas que apontam a matemática como uma ciência abstrata, difícil e inacessível.

2 INTERDISCIPLINARIDADE: A LITERATURA E A LEITURA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS

Apresentar a interdisciplinaridade como estratégia para desconstruir rígidas fronteiras disciplinares, principalmente para reverberarem, no meio educacional, a partir da ruptura com paradigmas responsáveis pela fragmentação e compartimentação da construção do conhecimento é preponderante nesse texto.

Para fundamentar os argumentos aqui expostos e alcançar o objetivo de nossas reflexões, torna-se necessário contextualizar a interdisciplinaridade na educação brasileira, com um olhar atento para o trabalho com a literatura e a matemática, confrontando os paradigmas colocados para o ensino e a aprendizagem.

É, também, de suma importância, apresentar abordagens sobre a natureza do fenômeno literário, sobre as narrativas, o imaginário e as influências de histórias de outras culturas no Brasil, reconhecendo-os como elementos importantes envolvidos na construção, ampliação e diversificação do conhecimento e favorecimento do diálogo entre as áreas aqui elencadas.

Em acordo com a literatura, o trabalho interdisciplinar, cuja proposta incide sobre a busca aos aprofundamentos e às ampliações das interfaces entre a literatura e a matemática, pode atuar sobre a desconstrução dos limites disciplinares, explorando os espaços de interseções entre as áreas citadas, para modificar velhos paradigmas. Acreditamos que, a partir de leituras de narrativas literárias e de seu potencial para estímulo ao imaginário, é possível provocar a ampliação dos diálogos entre a literatura e a matemática, expandindo os espaços de interseções entre as áreas e, dessa forma, mais contribuindo para a desconstrução dos limites disciplinares.

Com base nessas afirmações, cuja base é a necessidade de aprofundar diálogos interdisciplinares, como mola propulsora no conjunto das interseções, ou na interseção dos conjuntos, utilizamos o pensamento de Roland Barthes, do qual destacamos o seguinte trecho.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (...). A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...). A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (BARTHES, 1979 apud MUCCI, 2010, p. 2).

A partir de Roland Barthes, a fundamentação teórica dessas reflexões, para dar conta de sua proposta, alia-se, também, a pensadores que se dedicam à abordagem da interdisciplinaridade no contexto educacional, buscando apontar suas contribuições para a análise do diálogo entre a leitura, a literatura e a matemática.

Cabe explicitar que o pensamento dominante no contexto escolar que temos hoje, com devidas ressalvas de alguns avanços pedagógicos e sociais, ainda é o descrito, como no recorte seguinte:

Calcado no paradigma tradicional [...], podemos encontrar o sistema escolar, com estruturas viciantes e viciadas que impedem o desenvolvimento da escola como uma instituição capaz de exercer seu papel de agente transformador, no sentido mais abrangente da expressão. [...] Talvez fosse interessante perguntar-nos sobre os mecanismos que regem ou perpassam o ensino da compreensão e expressão do pensamento no contexto pedagógico. O primeiro problema com relação a estes mecanismos refere-se ao molde do comportamento adotado pela maior parte das instituições escolares. A tarefa de disciplinar e de moldar é realmente levada às últimas conseqüências pela máquina escolar, que pretende docilizar os corpos biológicos e psicológicos para que eles respondam sempre de forma 'positiva' ao convívio em sociedade (PEREIRA, 2009, p. 53-54).

É no cenário do recorte apresentado que as disciplinas insistem em não dialogar, em se isolar, em se manterem nos compartimentos. Essas fronteiras disciplinares embaçam a capacidade da escola para orientar, trabalhar para que o estudante não se conserve em situação de alienação.

Para Alves, citada em Ivani Fazenda (FAZENDA, 2008), a interdisciplinaridade parte de uma interação e um diálogo entre as pessoas, e é

importante que os educadores tenham humildade, espera, respeito, coerência e desapego, para que desse modo possam desenvolver seus projetos, a fim de fazerem uma rede de significados e novas contribuições nos contextos de atuação.

Essas mudanças de atitude levam à superação dos paradigmas citados por Pereira (2009), podendo gerar mudanças na relação com as linguagens na escola, tanto a dos números, quanto a das letras, tirando a escola da sua posição de estagnação. Isso pode ajudar a formar indivíduos mais reflexivos, capazes de serem inseridos no mundo atual, com mais garantia de sua participação ativa na chamada sociedade do discurso. Nessa perspectiva, destacamos, ainda, o seguinte:

O interdisciplinar, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se. Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um 'assunto' (tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém (BARTHES, 1988 apud MUCCI, 2010, p. 2).

Para maior compreensão, é importante enfatizar que Kleimam e Moraes (1999, p.27) ao afirmarem que a ação interdisciplinar dá-se através de “[...] conexões naturais e lógicas que cruzam as áreas de conteúdos e organizam-se ao redor de perguntas, temas, problemas ou projetos, em lugar de conteúdos restritos aos limites das disciplinas tradicionais [...]” pretendem deixar claro, que o trabalho de natureza interdisciplinar parte de uma **forma de pensar**⁴ e não apenas de uma escrita com modificações rasas e contraditórias dos conteúdos e currículos.

O trabalho interdisciplinar possibilita estabelecer o elo e a conexão entre o real e o imaginário, o concreto e o abstrato. Dessa forma, o uso de textos, narrativas/histórias, constitui uma importante estratégia que permite criar novas formas de conduzir o trabalho, com a matemática, que é o objetivo, a uma reflexão e consequente construção do conhecimento.

Segundo Mucci (2010, p. 6), estudiosos como Japiassu e Marcondes definem a interdisciplinaridade como um método de pesquisa e ensino que se complementam em diversos sentidos. “[...] Ela torna possível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam

⁴ Grifo nosso.

as diversas categorias científicas [...]”. A interdisciplinaridade permite a construção de diferentes formas de apresentação do conteúdo e de sua importância sem que haja fragmentação disciplinar.

Ao contrário das compartimentações apontadas, nossa proposta incide sobre a possibilidade de melhor contextualização para a matemática e, ainda, a possibilidade de realizar um trabalho diversificado e lúdico, mostrando significados, objetivos e aplicações do raciocínio em suas várias formas. Segundo Fux:

[...] Pitágoras considerava os números como a essência das coisas; Platão afirmava que a Geometria é a fundação do conhecimento; Leonardo da Vinci dizia que a estética está profundamente relacionada à matemática através do segmento áureo; Descartes, Pascal e D’Alembert trabalharam com matemática, além de escrever inúmeras obras e livros; Schopenhauer sugere a similaridade entre poesia e matemática; Lewis Carroll argumenta que a aplicação consciente dos conceitos matemáticos na literatura torna os escritos mais interessantes; Ezra Pound diz que a “poesia é um tipo de inspiração matemática”; e Paul Valéry fala que a matemática é o modelo de atos da mente (FUX, 2016, p. 37).

Pode-se perceber, portanto, que alguns pensadores ao longo da história já estabeleciam em seus estudos uma ligação entre literatura e matemática ao produzirem conteúdos mais atrativos e interessantes, onde a matemática é tratada sob diferentes aspectos, implícitos ou explícitos.

3 O IMAGINÁRIO E SUA REALIDADE

Puxando um fio nos estudos do imaginário, destacamos que este não tem sustentação no senso comum, que o enxerga como algo oposto ao concreto, ao material, ao real. Ao contrário do que supõe este senso comum, os estudos sobre o imaginário têm demonstrado que ele é parte da realidade e não faz oposição à mesma, já que dela se vale para manter-se e entremeia os processos nela construídos, numa relação de reciprocidade em que ambos alimentam as suas existências.

No século XX, o imaginário foi tema de interesse de autores como Gaston Bachelard, Sigmund Freud, Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Jacques Lacan, Cornelius Castoriadis, Paul Ricoeur e Henri Corbin, dentre outros.

Os estudiosos apresentaram diferentes dimensões do imaginário e “o estabelecerem como o conjunto das atitudes imaginativas que resultam na produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano (Durand), como o patrimônio de um grupo (Maffesoli) ou mesmo ao darem novas denominações, como mundus imaginális (Corbin), para o diferenciarem da acepção consagrada no senso comum” (ANAZ: 2014, p. 1).

Mas a dimensão do imaginário vai além da ficção e do irreal, segundo estudos desenvolvidos em diferentes áreas. Ainda, segundo Anaz, muitos pensadores estudaram o imaginário, mostrando que sua dimensão vai além do irreal e do fictício. Bachelar foi o pioneiro e a ele se seguem

195

Durand - que parte dos estudos das estruturas antropológicas do imaginário-, de Maffesoli, que estendeu essa noção antropológica para os grupos sociais, tornando-a componente de um fenômeno que nomeou de neotribalização. [...] Corbin, que por sua vez, desenvolve a conceituação de “mundo imaginal”, a partir dos estudos de textos medievais árabes e persas (ANAZ: 2014, p. 4).

Desse modo, refletir sobre a ligação da literatura com a matemática, buscando identificar pontos de articulação entre ambas é estabelecer o elo entre o imaginário e a razão. O irreal, o fantasioso leva-nos a desenvolver a criatividade e a desenvolver potencialidades, estimulando nossa capacidade de interpretação e de raciocínio. Desconsiderar a conexão existente entre estes dois elementos implica em uma visão fragmentada do ser humano e de suas amplas possibilidades de construção do pensamento.

Privilegiando o cálculo, a objetividade e a lógica e recusando tudo o que é entendido como ilusório, fantasioso e irreal, o ensino formal opera uma redução em relação às potencialidades cognitivas do sujeito humano. Isso porque somos constituídos por dois itinerários do pensamento que se parasitam permanentemente: um empírico ao outro-lógico-racional, outro mítico-simbólico-mágico. Qualquer redução de um desses polos de espírito ao outro compromete a amplitude de nossas concepções de mundo, nos faz andar com uma perna só. O ilusório sozinho nos encerra no delírio. A razão sozinho se torna racionalização, se embrutece, fica cega para tudo o que não é cálculo, regra, lógica (ALMEIDA, 2006, apud MONTIO, 2009, p. 9-10).

O imaginário e a razão parecem polos distintos, mas, na verdade, estão intimamente ligados e podem nos conduzir a um mesmo ponto. As histórias são necessárias ajudam a ampliar nossos conhecimentos, levam-nos a reflexões, despertam sentimentos, sonhos, criam e recriam situações que ajudam a nos situar em pontos estratégicos, para desenvolver o processo cognitivo.

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra óptica, outra lógica, outros meios de conhecimento. [...] No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo [...]. Mas se a literatura não basta para me assegurar que não estou apenas perseguindo sonhos, então busco na ciência alimento para as minhas visões das quais todos pesadume tenha sido excluído (CALVINO, apud FUX, 2016, p. 20).

Estabelecer relações entre as narrativas literárias, o imaginário e a matemática, destacando a influência e a relevância das histórias para o desenvolvimento e a ampliação do entendimento acerca dos cálculos matemáticos mais esgarça as fronteiras da rigidez disciplinar.

Nesse sentido, o importante fazemos com as histórias e, para Machado (2011, p.119-200), as narrativas contribuem para o despertar da curiosidade e do interesse, pois “[...] gostamos de nos encantar, de soltar a imaginação, de nos maravilhar. Histórias [...] seduzem os leitores e atraem a atenção”. A imaginação, portanto, é compreendida como a capacidade que o ser humano possui de representação e de abstração, o que constitui um fator fundamental para o desenvolvimento do raciocínio. No entanto, o autor nos alerta para o fato de que a matemática necessita ser resgatada na sua verdadeira essência e sentido, ao afirmar que:

Os contos de fadas são naturalmente encantados. A Matemática um dia já foi, como nos lembram os textos de Malba Tahan e de Monteiro Lobato. Hoje, a concentração das atenções apenas sem seus aspectos práticos-utilitários contaminou nossa visão e quebrou o seu encanto. **É preciso, pois, reencantar a Matemática, e para tanto, reiteramos o que propusemos de início: a exploração de sua aproximação visceral com a língua materna é fundamental** (MACHADO, 2011, p. 204, grifo do autor).

Os textos bem elaborados são como um jogo que precisa ser decifrado. Ainda, segundo Machado (2011, p. 193), a matemática e os contos podem criar condições favoráveis a uma dinâmica entre a realidade e a ficção.

[...] Mas há algo na Matemática que escapa a qualquer sentido prático/utilitário, que expressa relações, às vezes surpreendentes, e nos ajuda a construir o significado do mundo da experiência, no mesmo sentido em que um poema o faz. Um poema nunca se deixa traduzir em termos de utilidade prática: ele nos faz sentir, compreender, instaura novos sentidos, dá vida a contextos ficcionais. Não vivemos de ficções, mas não vivemos sem a abertura propiciada pelo fictício. A Matemática partilha com a poesia esse potencial para criar novos mundos, inspirados na realidade, mas cheios de encantamentos (MACHADO, 2011, p. 181).

Neste contexto, os elementos de ficção ganham vida e podem influenciar a superação dos limites impostos pela realidade do cotidiano, pois, também, “é contando histórias que os significados são construídos” (MACHADO, 2011, p. 193).

4 QUESTÕES DE LITERATURA, LEITURA E MATEMÁTICA

No que diz respeito à literatura, lê-se no texto, **As mil e uma noites** (SANTOS ET AL, 2012) a afirmação de que as obras literárias representam um instrumento pedagógico valioso por auxiliar o desenvolvimento dos leitores, possibilitando o seu exercício da cidadania. Paez (2014, p.36) ressalta, ainda, que o uso de produções literárias para o ensino da Matemática pode apresentar a realidade de forma ficcional, o que irá permitir um distanciamento e uma aproximação da realidade, criando um mundo fantasioso, “[...] onde [...] é permitido infringir regras, extrapolar limites, o que também aproxima da realidade, pois ao infringir as regras, extrapolando limites, toma-se consciência deles”.

Ainda para pensar a literatura, se deslocarmos o foco para o leitor, com Dering (2013), refletindo sobre o problema da literatura considerada canônica e da literatura chamada de massa, segundo a crítica oficial, precisamos estar atentos para o fato de que o **processo** de leitura realiza-se a partir da interação entre o leitor e o texto que, aos poucos, vai construindo o seu repertório que se faz e refaz a cada leitura, tornando possível a apreensão do conteúdo. Neste sentido, Dering reforça que

[...] o texto não pode ser visto como algo acabado nele mesmo, finito, ou ser compreendido apenas por quem o faz ou ativa (autor ou leitor). Isto é, um texto não é uma regra clara e objetiva, no qual tudo se encontra, 'um texto, tal e como aparece na sua superfície (ou manifestação linguística), representa uma cadeia de artifícios expressivos que o destinatário deve atualizar' (DERING, 2013, p. 438).

Tratar do leitor revela a preocupação em deixar claro que as narrativas escolhidas podem não ser representativas de determinados perfis de leitores, na complexa rede cultural que se apresenta hoje. Porém, este trabalho destaca que há estudos indicadores de que os leitores, de maneira geral, têm mais chances de serem atraídos para as interfaces entre a literatura e a matemática, se as narrativas literárias estiverem presentes em suas leituras.

Definir o literário e o não literário de maneira conclusiva não é condizente com o que se apresenta neste momento, mas acreditamos, como Calvino, que “há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar”, e que o texto de ficção, com estímulo ao imaginário, simbólico, seja de enorme relevância na questão. Nesse sentido, é justamente por causa deste tipo de texto, a que se pode chamar de narrativa literária, que seu papel fica bem estabelecido aqui.

O prazer de ler, no sentido barthesiano, traz uma crítica à falta de crítica: lemos, às vezes, narrativas de estruturas simples que se repetem indefinidamente, alterando os nomes dos personagens e dos locais. Mas, ainda assim demanda algum esforço, demanda tempo. De modo que "prazer de ler", equivalendo a lazer, opondo-se a tarefas escolares, é concepção que precisa ser revista: o lazer não corresponde a um momento ocioso, vivência descompromissada de inutilidades — o lazer/prazer é constituído de experiência humana e de tempo formador de nossos horizontes e percepções de mundo — já alertara Aristóteles, tratando do teatro grego. Não é possível acreditar, ainda hoje, que, positiva ou negativamente, o lazer não integre a formação da pessoa e, portanto, do leitor. [...] é preciso acessar todos os tipos de textos, mas a porta de entrada está na disseminação do prazer de ler o texto literário, pois, através da construção estética, o leitor se põe em contato com a arte que tem o poder de seduzir, etimologicamente, desviar-se da rotina (PEREIRA: 2015, p. 143).

As narrativas ficcionais e, portanto, histórias, é, de maneira concomitante, um ato que suscita reflexão e brinca com o imaginário, conforme, também, afirma Santos.

Contar histórias é um ato lúdico e de reflexão. O universo imaginário do ser humano abstrai exemplos do cotidiano e os reproduz simbolicamente como forma de categorização de seus valores sociais. As fábulas narradas apresentam um fundo moral, onde os percursos gerativos dos discursos revelam a oposição entre o bem e o mal. A experiência do indivíduo, como produto de sua vivência cultural, modela-o com valores representativos de sua sociedade que podem ser considerados universais. No ato de contar, visto como um espaço lúdico, o indivíduo reproduz os sonhos e as fantasias, ao mesmo tempo em que manifesta aspectos valorativos de sua cultura (SANTOS et al., 2012, p. 296).

As narrativas ficcionais e fantásticas trabalham de forma a motivarem e conduzirem os leitores a uma reflexão que irá favorecer o desenvolvimento do raciocínio lógico e o ensino-aprendizagem da literatura e da matemática, além de enriquecer o conhecimento. Essas narrativas podem apresentar ligações com a matemática de forma implícita ou explícita como é o caso, de forma muito potente, da obra **O homem que calculava**. O importante é que a leitura favoreça essa ligação, articulando as disciplinas e favorecendo o desenvolvimento de cada estudante.

É preciso acreditar que uma pessoa educada na literatura, obtenha uma perspectiva e uma formação que não seja dada integralmente pelo estudo de nenhuma das outras disciplinas, nem pelo conjunto delas [...] Portanto o conto literário torna-se valioso, pois registra as vitórias e conquistas de seus personagens, e assim, multiplica o conhecimento e os sonhos das crianças oferecendo uma aventura inimaginável que estimula novas descobertas aos alunos dentro e fora do ambiente escolar (SANTOS et al., 2012, p. 298).

Considerando que vivemos num mundo globalizado, as influências de outras culturas sobre a brasileira, como a oriental, por exemplo, ajudam no enriquecimento do conhecimento, tornando suas histórias conhecidas, e também possibilitam, através de seus mistérios, estabelecer relações entre o real e o imaginário despertando a curiosidade.

Os contadores de histórias das Noites Árabes, revelando o saber oral tradicional, manifestam através de sua arte uma sincronia entre o real e o imaginário, o social e o mito, o fabuloso e a experiência cultural. Os temas que remontam uma tradição persa, hindu, chinesa, judaica, cristã, e até mesmo grega, adquirem uma cor local, onde o ambiente dessas narrativas é envolvido pelos mistérios e pelos encantos do Oriente Árabe (in NAGHAN, 1990 apud SANTOS et al., 2012, p.298).

Além disso, há questões humanas universais contidas no ato de ler e de (re) produzir narrativas. Pereira (2009) afirma:

A memória do humano sobre a Terra está nas histórias contadas de si e dos outros. De diferentes maneiras, em diferentes linguagens, o Homem sempre se revelou um grande narrador de 'fatos reais' ou imaginários. Contar histórias, das ficções às realidades, foi uma das formas encontradas para transmitir experiências, para constituir a vida humana no que ela é hoje, dando-lhe os sentidos que possui em nosso tempo. Contar é, portanto, um ato de construção, porque, para compreendermos o que somos hoje, não temos outro recurso senão contar; e isso vale, às vezes, para toda uma sociedade; às vezes, para apenas um indivíduo[...] (PEREIRA, 2009, p. 55).

200

Reconhecendo essa importância para o aprendizado da matemática, torna-se necessário fazer um elo entre as disciplinas, para trabalhar de forma interdisciplinar. Por isso, aparecem aqui os contos da obra citada.

[...] Malba Tahan faz fluir uma história que cumpre a um só tempo a dupla façanha de envolver completamente o leitor enquanto realiza a apologia do raciocínio dirigido pela matemática, atribuindo aos números e à lógica um caráter lúdico bem diverso da aridez com a qual nos têm sido apresentadas as ciências exatas (PINTO, 2014, p. 233).

Neste contexto, a obra de Malba Tahan surge como facilitadora e estimuladora do processo de ler/contar números e histórias, por ser atemporal, quando em suas narrativas estabelece uma relação com os problemas da sociedade, envolvendo diversos níveis, tanto cultural, quanto social e seu interesse em resolvê-los. Essa afirmativa torna-se evidente, por exemplo, em um trecho da obra, no qual é narrada uma aventura vivida por três irmãos.

[...]. Segundo a vontade expressa de meu pai, devo receber a metade, o meu Hamed Namir uma terça parte e ao Harim, o mais moço, deve tocar apenas a nona parte. Não sabemos, porém, como dividir dessa forma 35 camelos e a cada partilha proposta segue-se a recusa dos outros dois, pois a metade de 35 é 17 e meio. Como fazer a partilha se a terça parte e a nona parte de 35 não são exatas? (TAHAN: 2015, p. 22).

Como vemos, no trecho de uma história interessante, os irmãos queriam dividir, entre si, trinta e cinco camelos e o mais velho deles apresentou o problema da partilha para Beremiz, **o homem que calculava**. Podemos dizer que a partilha foi feita de forma criativa e lúdica. Beremiz conseguiu satisfazer todos os envolvidos e,

ainda, fazer sobrar para si um camelo. Estabeleceu-se, assim, um jogo entre a narrativa literária e a matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a este ponto acreditando que, para tentar superar os obstáculos da estagnação, é necessário rever conceitos e atitudes, a fim de encontrar novas formas de despertar a curiosidade, a criatividade e o entusiasmo naqueles que se aproximam das letras e dos números.

Salles (2014, p.9) afirma que diferentes “[...] formas de calcular e de aplicar a matemática às necessidades do dia a dia têm sido desconsideradas por serem restritas às tradições orais e por não se enquadrarem em uma matemática hegemônica, tida como oficial”.

O autor Malba Tahan, a partir de suas narrativas, inspira a reflexão sobre a importância da utilização da literatura no meio educacional, como alicerce no processo de ensino-aprendizagem de outros conteúdos científicos, principalmente da matemática, reafirmando suas contribuições para o desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva, criativa e interpretativa do leitor.

A partir dessa constatação, mais nos interessa desenvolver uma análise crítica do universo da matemática aliada a algo que pode ser explorado de forma lúdica e imaginativa, como traz a literatura, através de narrativas sobre as aventuras vividas por personagens das histórias, como por exemplo, o protagonista em **O homem que calculava**.

Afirmamos, enfim, que, diante de todo o exposto, a análise de contos da obra de Malba Tahan⁵ é uma realidade a ser explorada em outro momento, a fim de apresentar os aprofundamentos acerca das reflexões que possam contribuir para a compreensão do trabalho interdisciplinar, encontrando, nessas narrativas literárias, as interseções entre a leitura, a literatura e a matemática.

⁵ Estes estudos estão sendo desenvolvidos na dissertação de mestrado do estudante Darlan Natal Rodrigues, sob orientação da Professora Doutora Valéria Pereira.

REFERÊNCIAS

ALVES, Adriana. Interdisciplinaridade e matemática. In: FAZENDA, Ivani (org). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

ANAZ, Sílvio et all. **Noções do Imaginário:** Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. São Paulo: **Revista da USP**, 2014.

Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/16760-54792-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/16760-54792-1-PB%20(3).pdf)

Acesso em: 10 de fev. de 2016.

202

CALVINO. Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

DERING, Renato de Oliveira. **Questões de literatura de massa e crítica literária**. 2013. Disponível em:

<https://www.academia.edu/4948495/Questões_de_literatura_de_massa_e_crítica_literária>. Acesso em: 07 abr. 2017.

FUX, Jacques. **Literatura e matemática:** Jorge Luis Borges, Georges Perec e o Oulipo / Jacques Fux– 1.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2016.

KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e Interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

MACHADO, Nílson José. **Matemática e língua materna:** análise de uma impregnação mutua. 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MUCCI, Latuf Isaias. **Da interdisciplinaridade, segundo o código de Roland de Barthes**. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Dainterdisciplinaridade-segundo-o-código-de-Roland-de-Barthes.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

PAEZ, Gisele Romano. **A produção de sentidos e significados matemáticos por estudantes do último ciclo do ensino fundamental por meio da leitura da obra "O homem que calculava"**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2695/5688.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

PEREIRA, Valéria. **Uma metáfora da cultura: a formação do leitor a partir de um “círculo de leitura”**. 2009. 197p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

_____, **Leit(ura), literat(ura), Cult(ura)**: interseção além do sufixo no encontro com a subjetividade. In: Do texto ao contexto- História, literatura, educação. FIALHO SILVA, Rodrigo (organizador). Editora da UEMG: Barbacena/MG, 2015.

PINTO, Divino José. **O homem que calculava, de Malba Tahan (Um fenômeno de leitura literária na infoera)**. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/89032/105442>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

SALLES, Pedro Paulo; PEREIRA NETO, Andre. **Malba Tahan: muito além do pseudônimo**. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/caem/anais_mostra_2015/arquivos_auxiliares/palestras/Palestra3_Pedro_Salles.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2017.

SANTOS, Ana Cláudia Custodio dos. et al. **As mil e uma noites: coletânea de contos orientais que remontam da antiguidade**. 2012. Disponível em: <<http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/soLetras2012/Ana%20Cl%C3%A1udia%20Custodio%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2017

TAHAN, Malba. **O Homem que Calculava**. 1.ed.Rio de Janeiro: Record, 2015.